

AGRICULTURA

O FOGO BACTERIANO DAS MACIEIRAS E PEREIRAS



| Texto e fotos de Jorge Sofia* |

Atualmente a rapidez e quantidade de informação leva-nos a crer que todas as desgraças nos estão a cair em cima. Pelo menos na agricultura é essa a sensação, de um dia para o outro chegam-nos aos ouvidos o nome de calamidades destruindo e arrasando culturas que tínhamos por certas e seguras: - nemátodo do pinheiro, flavescência dourada da videira, fogo bacteriano das pomóideas, escaravelho das palmeiras, etc... e, lentamente, ao olhar para a paisagem a que estávamos habituados deparamo-nos com os efeitos dessas pragas: manchas de pinheiros secos, videiras debilitadas, pereiras e macieiras a secar e até as palmeiras, essas ingratas que só servem para nos associar a um paraíso tropical, perdem o seu ar altivo, murcham e morrem! Todas estas pragas/doenças são de introdução recente, devendo-se a sua introdução ao intenso trânsito de vegetais e seus derivados entre os diversos países do mundo. Mas note-se que já no passado fomos assolados por tragédias idênticas, também resultado da introdução de plantas do novo mundo: filoxera, oídio, mildio, tinta do castanheiro, etc... Estas introduções obrigaram-nos a tomar uma atitude defensiva, face à possibilidade de aparecimento de novos inimigos desejosos de minar a nossa agricultura. Já dentro da Comunidade Europeia surgiu a figura de “organismo de quarentena” – organismos cuja introdução e disseminação é proibida dentro do espaço comunitário



Folhas e frutos secos

ou em determinadas partes desse espaço. Para evitar a introdução e disseminação dos acima citados e de largas centenas de outros, existe em cada país uma Autoridade Fitossanitária, que através de um conjunto de regulamentações e de um corpo de inspetores procura evitar a introdução ou controlar a disseminação desses organismos, limitando os focos onde aparecem. Mas, dir-me-ão, afinal eles entraram e instalaram-se. Como e porquê? Estas introduções foram acidentais, devidas à inconsciência de uns quantos e à ignorância de outros tantos. A Autoridade Fitossanitária (Direção Geral de Alimentação e Veterinária – DGAV), apoiada nos Inspectores Fitossanitários, mantém sob vigilância o nosso território, procurando antecipar-se à introdução dos organismos indicados na lei. Porém, após constatação da existência do problema só poderá procurar abreviá-lo, descobrindo os seus focos, cercando-os e erradicando-os. É de extrema importância que todos tenhamos consciência do seu trabalho e da existência desta entidade e que procuremos colaborar com a sua actividade não trazendo plantas, partes de plantas ou derivados daqueles países que fomos visitar, isto porque podemos

trazer aquele “bichito” que irá pôr em causa a nossa agricultura.

Hoje vou abordar uma dessas “doenças de quarentena”. Vou fazê-lo de uma forma suave apenas para dar a conhecer o problema. Quem quiser saber mais pode sempre consultar informação mais detalhada no sítio <http://www.drapc.min-agricultura.pt>. O problema é o Fogo Bacteriano que afecta todas as plantas da família das rosáceas a que pertencem a pereira, macieira, mar-meleiro, pilriteiro, entre outras. Esta doença é de há muito conhecida, tendo-se disseminado da América do Norte para a Europa, em plantas trazidas do novo mundo. A doença é causada pela bactéria *Erwinia amylovora* e é assim designada porque confere às árvores afectadas o aspecto de terem sido queimadas pelo fogo. Os raminhos mortos, assim como as respectivas folhas e frutos mantêm-se agarrados à planta adquirindo um forma arqueada tipo cajado de pastor. Nas folhas surgem manchas de cor castanha ou negra próximas das margens ou da nervura principal. Nos ramos surgem lesões (Cancros) de cor avermelhada que irão circundá-los, impedindo a circulação de seiva e consequentemente matando-os. Estes cancos são a principal fonte



Sintomas em folha



Pereira fortemente atacada - Outubro



Outro aspecto do ataque

de contaminação para as novas folhas e flores, mas a bactéria também pode sobreviver, durante algumas semanas, nos restos de cultura deixados no solo.

A planta é infectada pela penetração da bactéria nos gomos foliares e florais e nos estomas (aberturas naturais para respiração da planta) e outras aberturas naturais. Naturalmente todas as feridas constituirão um potencial porto de abrigo e porta de entrada para a *Erwinia*.

Embora a doença já se tivesse instalado em diversos países europeus, Portugal parecia indomável ao problema, o que era excelente uma vez que somos produtores e exportadores de pêra rocha, entre outras pomóideas. Porém, em 2006 foram detectados os primeiros focos desta doença na Beira Baixa. Em

breve o problema atingiu o nosso oeste frutícola, e actualmente já conta com focos também aqui na Beira Alta. A DGAV é obrigada a debelar esses focos de acordo com a legislação em vigor e a comunicá-los centralmente ao serviço que a tutela a nível europeu (DG SANCO). Se não conseguirmos debelar e limitar este problema poderemos pôr em causa a nossa fruticultura, assim como poderemos vir a ter dificuldades na exportação para mercados ainda isentos do problema, quer de plantas de viveiro quer da própria fruta. Como é que o problema cá entrou? Não sei! Foi alguém ou algo que o trouxe. “Yo no creo en brujas. Pero que las hay, las hay!” dizem “nuestro hermanos”...

Se no seu quintal, horto, pomar, etc... tiver alguma macieira ou pereira que comece a secar dando-lhe suspeitas do que foi aqui sumariamente descrito, deve contactar os nossos serviços fitossanitários e pedir uma opinião. Não há soluções químicas para debelar o problema, e uma vez este instalado só há uma solução - raiz ao sol e fogo. Perderemos a árvore, mas evitaremos o mal maior.

Se quiser conhecer detalhadamente este problema descarregue o “Manual de Boas Práticas para o Controlo do Fogo Bacteriano” da **localização internet abaixo indicada**: http://www.dgv.min-agricultura.pt/xcov21/attachfile.jsp?look_parentBou=3875172&att_display=n&att_download=y

Se tiver dúvidas sobre problemas sanitários que estejam a afectar as suas culturas, poderá esclarecê-las, na medida do possível, contactando-nos através do mail jorge.sofia@drapc.mamaot.pt. Procure descrever sumariamente o problema e envie fotos com boa definição. Boas Férias. Até Setembro!

* **Engenheiro, Técnico Superior da Estação de Avisos do Dão / Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Centro**

PUBLICIDADE

CA Empresas

€1.000 milhões

PARA APOIAR O CRESCIMENTO DAS EMPRESAS

Soluções de Tesouraria e Investimento

Inclui Linhas de Crédito Protocolado

Sujeito a decisão de risco de crédito

Para mais informações consulte:

Linha Directa 808 20 60 60

www.creditoaagricola.pt

CA

Crédito Agrícola

Juntos somos mais.

Desde 1911.